Creas Pop – Criança e Adolescente: programa reintegra jovens em situação de rua às famílias originais

Date : 03-12-2013

“Aqui, eles aprendem a ser sujeitos. É uma política de inclusão social”, disse o coordenador do serviço

Reinserção familiar é o foco do serviço

Aos poucos, a vida nas ruas vai deixando de ser realidade para as cerca de 20 crianças e adolescentes acolhidos pelo Centro de Referência Especializada de Assistência Social para a População em Situação de Rua (Creas Pop). O serviço, coordenado pela Prefeitura, por meio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, tem, como principal meta, acolher esses jovens e oferecer condições para que eles retornem ao convívio familiar.

O programa acolhe exclusivamente pessoas com idade entre 10 e 18 anos, que estejam em situação de rua. Segundo o psicólogo Ualy Castro, coordenador do Creas Pop – Criança e Adolescente, há três critérios que devem ser observados para se afirmar que alguém está “em situação de rua”: a) a ausência de um endereço fixo ou alternativo, que o leve a dormir nas ruas; b) a renda, abaixo da chamada “linha da pobreza”; e c) que os vínculos familiares estejam fragilizados ou rompidos. “São pessoas que passam por diversas dificuldades”, explica Ualy. “Aqui, eles aprendem a ser sujeitos. É uma política de inclusão social”.

Ualy Matos: "É uma política de inclusão social"

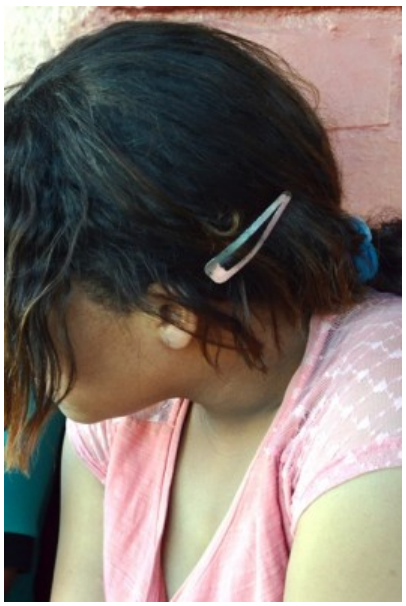
‘Papel imprescindível’– No serviço, os jovens têm acesso a uma série de atividades que pretendem alterar esse quadro de vínculos frágeis. Na verdade, o objetivo é levar a que os jovens se desfaçam de seus vínculos com as ruas e reforcem os que os ligam às suas famílias. Trata-se de uma tarefa que exige mobilização e esforços permanentes. Um deles foi a reunião

realizada na tarde do último sábado, em que o coordenador Ualy e outro psicólogo Vagner Lemos conversaram com familiares dos jovens acolhidos pelo programa. “Queremos que estejamos mais próximos um do outro”, disse Ualy aos presentes. “O papel do pai e da mãe, na construção de um sujeito, é imprescindível”.

Psicólogos conversam com familiares dos jovens acolhidos

Histórias – A programação de sábado, aliás, foi mais que uma mera reunião. Ali, várias histórias se encontraram. E, entre elas, havia um ponto em comum: por que, afinal, os meninos deixaram para trás suas famílias e passaram a viver diariamente as incertezas da vida nas ruas? Para começar a tentar encontrar resposta para tal questionamento, é necessário ouvir ambas as partes. Vejamos então, a seguir, duas histórias: a primeira, de uma garota, usuária do Creas Pop – Criança e Adolescente há dois anos, que está voltando a encontrar algum sentido na vida familiar. E a segunda, de uma tia de outro adolescente, que hoje dedica grande parte de seus esforços a tentar retirá-lo das ruas. *A fim de preservá-los, todos os personagens citados a seguir serão identificados por nomes fictícios.*

“Agradeço muito ao Creas Pop, pelo que está fazendo por mim”


"Peço a Deus que tire meus amigos da rua, também"

Quando fala sobre o período em que viveu nas ruas, *Paula* abaixa a cabeça e sua voz parece diminuir. É preciso fazer um pequeno esforço para ouvi-la. Afinal, as recordações ruins ainda estão bem vivas em sua memória. Hoje com 15 anos, há dois sendo acolhida pelo Creas Pop Criança e Adolescente, ela parece já conseguir visualizar os motivos que a levaram a trocar a convivência em família pela vida nas ruas. “Foi quando eu perdi meu pai. Aí me revoltei e fui para a rua”, diz a garota, antes de admitir que seu relacionamento com a mãe nunca foi fácil: “Não me dou muito bem com ela”.

Paula vivia com outros adolescentes num imóvel abandonado, localizado na esquina entre a

Avenida Régis Pacheco e a rodovia BR-116. Não era raro que ela e o grupo passassem o dia inteiro inalando o conteúdo de uma pequena lata com “tíner”, um popular solvente para tintas e vernizes, cuja inalação é capaz de causar efeitos alucinógenos. Além disso, recorria frequentemente ao uso da maconha. Teve de suportar a morte de dois companheiros de rua, ambos assassinados.

A rotina foi essa, até o dia em que ela e seu grupo foram abordados por uma equipe do Creas Pop. “Eles conversavam com a gente, davam conselho para a gente sair da rua. Aí, eu ouvi o conselho deles e saí. Vim para cá. Estou me sentindo bem aqui”, afirma. No serviço, *Paula* tem acesso a refeições regulares, higiene e estudos, além de atividades culturais e esportivas. Ganhou o direito de dormir numa cama, após longas noites passadas em calçadas. E, assim como os outros adolescentes acolhidos pelo serviço, mantém-se em permanente contato com psicólogos, até o momento em que for atingido o objetivo essencial do programa: a reinserção familiar.

“Agradeço muito ao Creas Pop, pelo que está fazendo por mim”, diz *Paula*. Segundo ela, metade do grupo com quem convivia, em situação de rua, também aderiu ao serviço. Outros continuam, ainda, na mesma situação. “Peço a Deus que abençoe para que eles saiam de lá, também”, deseja a garota.

"A gente nunca pode desistir"

“Tenho fé e esperança de que meu sobrinho, um dia, será alguém”

Fabiana Silva foi uma das participantes da reunião do sábado, 30, no Creas Pop – Criança e Adolescente. Ela é tia do jovem *Mauro*, de 17 anos, usuário do serviço. Após o fim da conversa com os psicólogos, Fabiana deteve-se por um momento e olhou para alguns adolescentes que jogavam bola num campinho. “Se não fosse o Creas Pop, aqueles jovens estariam todos na rua, usando drogas”, refletiu. “Mas agora, eles estão todos ali, envolvendo a mente. O Creas Pop nunca desiste desses adolescentes”.

Não desiste, por exemplo, de seu sobrinho, *Mauro*, que foi para as ruas após problemas

familiares. O garoto não conheceu a mãe, e o pai sofreu um acidente vascular cerebral quando ele tinha 11 anos. “Isso gerou nele um tipo de depressão. Faltou uma vida familiar para ele. Um apoio de mãe”, observou *Fabiana*. O garoto, então, seguiu o caminho do irmão mais velho e foi viver nas ruas. Envolveu-se com o tráfico de drogas e chegou a ser baleado num tiroteio.

Até que, assim como *Paula*, travou contato com a equipe de abordagem do Creas Pop – Criança e Adolescente, e concordou em conhecer o programa. “É um trabalho maravilhoso”, disse a tia *Fabiana*. “Eles sempre estão se preocupando com os nossos filhos e buscando esse afeto familiar”.

Apesar das preocupações constantes, *Fabiana* garantiu sentir mais alívio quando é informada de que *Mauro* está no Creas Pop, e não na rua. “É uma confiança de que vou reencontrá-lo aqui. Quando ele está na rua, não tenho essa esperança”.

A experiência com o serviço fez com que *Fabiana* extraísse ensinamentos que podem ser estendidos também a quem não tem familiares em situação de rua. “A gente nunca pode desistir”, disse. “Ele é meu sobrinho, mas eu o tenho como um filho. Nunca vou desistir dele. A sociedade pode até desistir, julgar, condenar. Mas tenho fé e esperança de que, um dia, meu sobrinho pode ser alguém”.